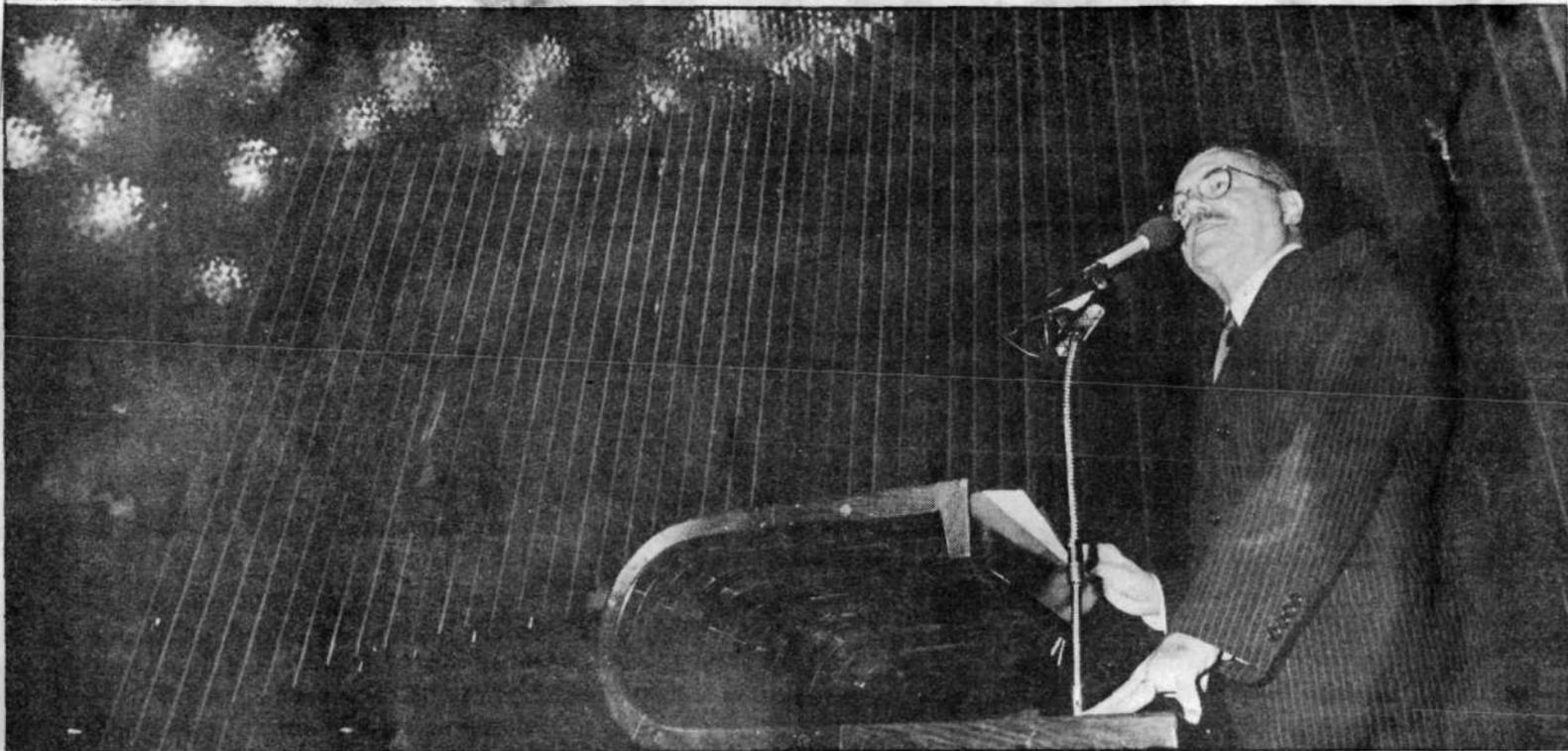


JEFFERSON PINHEIRO



Sarney falou da trajetória de um século do Supremo e disse que o maior desafio agora é viabilizar a Constituição de 88

# Sarney volta para homenagear STF

Depois de sete anos afastado do Congresso, o ex-presidente José Sarney voltou ontem a ocupar a tribuna do Senado, como representante do PMDB do Amapá, mas não empolgou a platéia, que incluiu, além de senadores dos mais diversos partidos, o ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, e os presidentes do Supremo Tribunal Federal e do Tribunal Superior Eleitoral. Sarney foi o orador oficial da sessão em homenagem ao Supremo, pelos cem anos de sua criação, e falou durante exatos 53 minutos, lendo um discurso de 16 páginas datilografadas.

O senador Sarney abriu seu discurso afirmando que a história do Supremo é a história da República. "Elas se interligam e se integram nos dias de glória e nos instantes de sombra", disse o ex-presidente. Mas a platéia mais crítica, na qual se inclui o líder do PDT, senador Maurício Corrêa, diz que sua fala foi perfeita em elegância literária, mas não foi um discurso de mensagem, como se poderia esperar de um ex-presidente. "Ele pecou porque se deteve muito no início da história e, cautelosamente, evitou comentar o papel importante do Supremo".

Ao longo do discurso, Sarney

foi reconstituindo cenários, fatos e seus personagens, falando de sua relação com o Senado Federal e citando os pontos mais altos de atuação da Suprema Corte, de Rui Barbosa a Juscelino Kubitschek. "Nesta parte, o discurso foi impecável", sentencia Maurício Corrêa, lembrando que episódios como a aposentadoria compulsória de três ministros do Supremo — Vitor Nunes Leal, Hermes Silva e Evandro Lins e Silva —, "feita pela ditadura, foram esquecidos".

O ex-presidente, que não acredita na antecipação da revisão constitucional, "porque os

prazos já estão estabelecidos", destacou ao final do discurso que o Supremo tem um desafio pela frente: viabilizar a Constituição de 1988.

"Presidi o País num momento de transição, em que as pressões contidas explodiam. E a transição é a mais difícil de todas as crises políticas a serem administradas. É obra complexa, exige sabedoria, experiência, compreensão. Exige postura de renúncia e humildade", disse Sarney, ao destacar o fato de que em seu governo, ao contrário de outros, não houve interferências do Executivo no Judiciário.